A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© María del Carmen Sánchez Pérez, 2013

© Espasa Libros, S.L.U., 2013

Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada, reproduzida, extraída ou adaptada, a partir de qualquer forma sem a autorização escrita da autora ou dos seus representantes legais.

Título original: *La Felicidad Es Un Té Contigo*

Título: *A Felicidade É Um Chá Contigo – Aconteça o que acontecer, o amor consegue explicar*

Autora: Mamen Sánchez

Tradução: Fátima Martins

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Maria João Gomes

Capa: © Companhia / Marcador Editora

Imagens de capa: © Thinkstock

Fotografia: arquivo pessoal da autora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-221-3

Depósito legal: 405 092/16

1.ª edição: março de 2016

O gabinete do inspetor Manchego não era propriamente um gabinete, mas antes uma sala diáfana, dividida em vários quadriláteros separados por finos painéis de *pladur*, muito práticos, isso sim, onde qualquer pessoa era livre de realizar a sua própria *collage* de recortes, fotografias, notas com mensagens urgentes, postais de Natal, relatórios policiais e listas telefónicas de restaurantes com entrega ao domicílio. A forma como estava dividido fazia lembrar bastante a dos gabinetes de prova de alguns centros comerciais nos quais, por carecerem de teto e de qualquer tipo de sistema de isolamento acústico, não é possível deixar de ouvir comentários extremamente indiscretos sobre os diversos tipos de frutos e de enchidos a que pode ser comparada a anatomia feminina, quando moldada por umas calças demasiado apertadas. A diferença, aqui, era que ali, em vez de catástrofes estéticas, se ventilavam assuntos de outra índole, principalmente sobre violência e maus-tratos, roubos com intimidação, assaltos a caixas multibanco ou brigas de rua. Palavras como «denúncia», «acusação», «processo judicial» e «pena de prisão» saltavam de um cubículo para o outro como pulgas num colchão infestado.

Também não se chamava Manchego, mas o inspetor cujo nome verdadeiro era Alonso Jandalillo fantasiava com a ideia de se parecer com Quixote, não apenas pela coincidência do apelido mas, também, pela imortalidade das suas gestas – apesar de, até então, o seu historial não refletir nada digno de menção – e, por esse motivo, adotara o pseudónimo Manchego nas duas ou três operações de campo em que interviera. Como

soavam bem aquelas três sílabas acompanhadas do ruído de fundo do *walkie-talkie!*

Às vezes, ele, que era um homem de muita ação, por muita barriga que tivesse ganhado ultimamente, lamentava-se do sedentarismo a que o obrigava a sua confortável tarefa de gabinete, naquela esquadra de bairro à qual o haviam destinado desde o dia em que fizera 50 anos e ficou isento de patrulhar as ruas de Madrid. Sentia saudades da injeção de adrenalina que levava ao volante do seu carro oficial, com a sirene no volume máximo e o altifalante intimidatório: «Afastese, minha senhora. Leiteiro, tire a carrinha da frente, que vamos em missão secreta.»

Por isso, a erupção imponente do senhor Marlow Craftsman e do seu intérprete, o senhor Bestman, nos três metros quadrados que constituíam a sua propriedade, ambos de fato de *tweed* e colete, mala de cabedal preto, sapatos caros e gabardina cinzenta, devolveu-lhe a esperança naquela profissão que tanto o apaixonava, ainda que, na maior parte do tempo, nada mais lhe desse senão desgostos.

Sentiu o impulso de se levantar para os receber, mas conteve-se a tempo. Um inspetor da polícia não é um homem de negócios, lembrou-se, não dá apertos de mão, não sorri, nem sequer interrompe o ritmo mecânico do seu teclado. No máximo, e como sinal supremo de cortesia, tira o cigarro da boca e sacode-o um par de vezes contra a borda do cinzeiro, aclara a garganta com um pigarreio e diz: «Por favor, sentem-se.» Então, quando os olhos dos visitantes se encontrem ao mesmo nível que os seus e que já não haja qualquer forma de ser intimidado por um olhar de cima a baixo, pode finalmente levantar a cabeça e perguntar: «Em que posso ajudar-vos?»

Marlow Craftsman rondava os 60 anos de idade, a avaliar pelas rugas de expressão que lhe circundavam os olhinhos de rato. Era pálido como um cadáver, tinha a pele exatamente da mesma cor que a do fiambre e os seus lábios eram tão finos que pareciam ter sido desenhados com um tira-linhas.

O intérprete era um pouco mais novo, mas igualmente de cor clara. Tinha mais cabelo, grisalho e preto, e usava óculos para ver ao perto.

– Permita-me que lhe apresente o meu chefe – disse Bestman, num espanhol gramaticalmente impecável e acusticamente horrível. – O senhor Marlow Craftsman, da Craftsman & Co.

O inspetor ficou com cara de parvo. Sentiu-o perfeitamente. A julgar pela emoção com que o sujeito pronunciara aquele nome, seguido de um silêncio prolongado para deixar ressoar o eco da sua voz no *pladur*, o mais provável é que se encontrasse diante de um magnata da finança. Soava a banco. Um desses bancos que estão há mais de 50 anos nas mãos da mesma família de aristocratas ingleses. Pois não havia qualquer dúvida de que aqueles dois espécimes eram filhos da Pérfida Albión¹; por isso aqueles seus ares de superioridade e a marca *Hamilton* dos seus relógios, aguda observação da qual se vangloriaria mais tarde ao recordar o episódio.

– Hã, hã – respondeu, sem acrescentar qualquer comentário, dado que não tinha a mais pálida ideia do que significaria aquele nome.

– O Sr. Craftsman veio de Londres para participar o desaparecimento do seu filho Atticus Craftsman. Visto que a última morada conhecida do jovem senhor Craftsman é no número 5 da rua do Alamillo, fomos advertidos pela Scotland Yard da conveniência de abrir diligências aqui, na sua esquadra, por ser a mais próxima do seu domicílio.

– Foi a Scotland Yard que vos enviou – Aquilo prometia.

– Não exatamente, Sr. Jandalillo...

– Inspetor Manchego – interrompeu-o o polícia.

– Não exatamente, inspetor Manchego – repetiu o outro. – Simplesmente, fomos encaminhados para aqui pelo gabinete de lá.

– Compreendo.

– Acontece que o Sr. Atticus Craftsman está há três meses sem dar sinal de vida. A última comunicação que estabeleceu com o pai foi através de uma mensagem telefónica, no passado dia 10 de agosto.

– Posso ouvir a mensagem? – perguntou Manchego.

– Está em inglês – respondeu o intérprete, ao mesmo tempo que abria a pasta e retirava de lá um *smartphone* de última geração.

Carregou em vários botões. Aproximou o dispositivo do ouvido do inspetor e susteve a respiração. Manchego escutou uma voz nasalada, como a de uma pessoa constipada, sobre um rítmico som de fundo, uma espécie de lamento ou de oração e os acordes de uma guitarra. Obviamente, não percebeu uma única palavra do que dizia o interlocutor, mas conseguiu

¹ Pérfida Albión é o nome dado, pejorativamente, pelos Espanhóis a Inglaterra devido ao seu passado histórico de guerras entre Espanhóis e Ingleses. (NT)

intuir que não se tratava de nenhuma mensagem de socorro porque não havia qualquer angústia no tom de voz. Também, nessa noite, ao recordar-se desse pormenor, iria congratular-se pelos seus dotes de investigador.

– O que é que ele diz? – Teve de reconhecer que a língua inglesa era a grande disciplina que lhe ficara por concluir.

– Diz textualmente: «Papá, deixa-o nas minhas mãos. Tenho tudo controlado.»

O inspetor, automaticamente, lançou um olhar inquisidor ao Sr. Craftsman. O homem, por sua vez, tinha os olhinhos vermelhos cravados no inspetor.

– E então? – perguntou-lhe. – Sabe a que é que ele se refere?

O intérprete traduziu. O Sr. Craftsman respondeu.

– O meu chefe diz que se refere, provavelmente, ao trabalho de que estava a encarregar-se em Madrid.

Manchego inclinou-se para trás. Afinal, depois de tudo isto, parecia que este caso era igual a todos os outros. Assuntos feios de estupefacientes e ajustes de contas.

– Sr. *Crasman* – dirigiu-se-lhe num tom de censura –, o seu filho está envolvido em tráfico de drogas?

– Não, Deus meu! – respondeu Bestman, sem sequer traduzir. – O jovem Sr. Craftsman, tal como o seu pai, aqui presente, o seu defunto avô e todos os seus antepassados por linha paterna até ao século xvii dedicam-se ao negócio editorial.

– Compreendo – disse Manchego.

– É um jovem respeitável, formado pela Universidade de Exeter, de Oxford, com um currículo académico notável e uma trajetória profissional imaculada. Nunca se viu envolvido em nenhum tipo de negócio obscuro. Ele é a vítima, não o suspeito.

O inspetor Manchego aspirou longamente o cigarro. Dera um passo em falso, sim senhor, mas tal como explicou aos ingleses, era necessário explorar todas as possíveis causas de um desaparecimento, mesmo as mais inverosímeis.

– É preciso ir descartando opções – sentenciou.

– O Sr. Craftsman inclina-se mais para a possibilidade de um sequestro – respondeu o tradutor.

– Porquê? – quis saber Manchego. – Receberam algum telefonema a exigir um resgate? Têm alguma prova de que o jovem tenha sido retido contra a sua vontade?

– A verdade é que não.

– Então, meus senhores, vamos cingir-nos aos factos e não divague-mos.

Era importante manter sempre uma posição de domínio sobre o inglês, disse Manchego para si próprio. Abriu o programa informático que continha minutas de participações, selecionou o separador «novo documento em branco» e escreveu «Caso *Crasman*», embora tenha mudado imediatamente para «*Craftsman*» a pedido do tradutor:

O autor da denúncia, Marlow Craftsman, participa o desaparecimento do seu filho, Atticus Craftsman, de 30 anos de idade, um metro e oitenta e sete centímetros de altura, de complexão bastante robusta, cabelo louro, olhos verdes, ligeiramente coxo devido a uma antiga lesão no remo...

Deteve-se e franziu o sobrolho.

– No remo?

– Exatamente. Uma rotura de tendão.

Manchego imaginou o jovem a remar num barco de regata pelo rio Tamisa. As costas musculadas, os ombros vigorosos, os braços robustos, mas, as pernas? Praticamente não se utilizavam as pernas neste tipo de barco! Anotou mentalmente: «Investigar a função das pernas na prática do desporto do remo.»

... sendo a última direção conhecida do jovem Sr. Craftsman o segundo direito do número 5 da rua do Alamillo, Madrid, tendo estado em contacto com o seu pai pela última vez no dia 10 de agosto de 2012, pelas oito horas da noite, hora de Londres.

Deteve-se por um momento. Hesitou. Depois teclou a última frase:

Não existem indícios de que o caso tenha qualquer relação com o tráfico de drogas.

– Muito bem, meus senhores – disse, depois de um grande suspiro.
– Vou tramitar a participação hoje mesmo e a investigação irá ser iniciada o quanto antes. Receberão notícias minhas muito em breve.

La para se levantar em sinal de despedida mas, ao ver que os dois homens permaneciam sentados, regressou imediatamente à sua cadeira. O Sr. Craftsman dava indicações ao tradutor. Inúmeras.

– O meu chefe estranha que não precise de mais nenhum dado.

Manchego arqueou uma sobrancelha.

– Aqui as coisas são como são. Os prazos são o que são. Não aceitamos pagamentos, nem subornos, nem nenhuma dessas coisas para agilizar os trâmites, como os senhores compreenderão.

– Mas do que é que está a falar? – espantou-se o outro. – Estamos só a referir-nos a amostras de ADN, a fotografias da vítima, a dados bancários, a localizador de chamadas, à matrícula do carro que conduzia quando foi visto pela última vez...

O inspetor pigarreou. Remexeu-se no assento. Contra-atacou.

– Então, estavam a ocultar-me o facto de que o Sr. *Crasman* conduzia um carro quando foi visto pela última vez!

– Não ocultámos nada – protestou Bestman. – O senhor é que não perguntou.

– Não estará, por acaso, a insinuar que não sei fazer o meu trabalho, pois não?

Posição de domínio, lembrou-se Manchego, posição de domínio.

– Claro que não.

– Então, digam-me, de uma vez por todas, tudo o que sabem sobre o caso. E, aviso já que, se descubro que estão a esconder-me alguma informação importante, vocês os dois é que irão ser objeto de investigação.

Os ingleses trocaram algumas frases em voz baixa. Depois, abriram as malas ao mesmo tempo e retiraram de lá uns dossiês volumosos, que colocaram diante do computador de Manchego. A noite iria ser longa, lamentou-se o inspetor; teria de ler aquilo tudo para poder redigir a participação.

– Este dossiê contém todos os dados em inglês e este aqui a tradução para espanhol – explicou o intérprete.

– Muito bem.

– Como não temos um estudo do ADN do jovem Sr. Craftsman – acrescentou o inglês –, talvez fosse conveniente tirar uma amostra do meu chefe, o pai dele.

Manchego coçou a nuca. Nunca na sua vida se vira numa situação como aquela.

– Vão ter de esperar um momento – declarou.

Levantou-se e abandonou o gabinete rapidamente. Saiu para a rua, atravessou o semáforo, entrou na farmácia da Adelina e pediu uns cotonetes de algodão. Pagou em dinheiro. Voltou à esquadra, entrou na sala onde os dois homens esperavam intrigados e disse:

– Bom, Sr. *Crasman*, abra lá a boca.

Atticus Craftsman lembrava-se perfeitamente do ruído que fizera o tendão do seu joelho quando se rompeu, em plena regata contra Cambridge e, também, do barulho do remo a bater na água. Pelo sétimo ano consecutivo, por culpa da sua lesão, a Universidade de Oxford ficara em segundo lugar naquela competição, que contava apenas com duas equipas participantes. A rivalidade com os da equipa azul-celeste fazia parte das centenas de pequenas ou grandes tradições ancestrais do *campus*; tal como a da gravata de riscas às cores, o juramento – sobre a Bíblia – de se abster de comer pastilhas dentro da Biblioteca Bodleiana, a *pirosada* da apanha dos morangos e o *champagne* nas pradarias de Christ Church ou a proibição de pisar o relvado central do colégio com a consequente incomodidade de ter de dar a volta ao pátio para o atravessar.

Todas aquelas normas pareciam chocantes no início mas, depois de sobreviver ao primeiro ano, não só eram obedecidas com devoção, como também se perpetuavam para todo o sempre pois, misteriosamente, acabavam por começar a formar parte do espírito coletivo do rebanho estudantil.

Atticus, também, nunca se esquecera do que sentira ao contemplar, pela primeira vez, a placa comemorativa pendurada na porta do seu dormitório: «Aqui residiu o famoso escritor J. R. R. Tolkien.»

Não era uma coincidência. Marlow Craftsman, proprietário da editora Craftsman & Co., insistira muito com o reitor para que fosse atribuído ao seu filho o quarto onde fora concebido *O Senhor dos Anéis* – aos olhos dele, uma das obras mais representativas da literatura universal – e aquele

desejo fora-lhe concedido sem demora, dada a sua condição de membro da administração do colégio e benfeitor da biblioteca.

Antes de Atticus, o irmão mais velho, Holden, já ocupara aquele quarto e ali concebera o seu primeiro filho, Oliver, com o consequente desgosto de sua mãe que teria preferido um casamento com toda a pompa e circunstância, sem nenhum bebé a caminho. O próprio Marlow, o seu pai e o seu avô Sherlock, membro fundador dos «Apolausticos»², tinham sido também, na sua época, inquilinos daquele quarto, cuja posse chegara a ser tão sagrada para os Craftsman como o velho costume familiar de pôr aos filhos o nome do protagonista de algum romance de culto.

O caso é que Atticus, indefeso diante da porta da sua nova vida, o que sentia, de facto, não era o orgulho do qual tanto lhe falara o seu pai, mas uma pressão insuportável na boca do estômago, pois percebeu que aquela placa lhe exigia uma capacidade intelectual e uma inquietude artística de que carecia completamente.

Por isso, depois de sofrer durante alguns dias a angústia de não ser capaz de fazer as honras a Tolkien, colou sobre o retângulo prateado um autocolante com o escudo do Chelsea e entrou para a equipa de futebol, para a de *punting* e para a de remo, disciplinas em que se destacou com grande notoriedade.

Fez-se contratar, também, como guia do museu do *campus*, apesar de não precisar do dinheiro e de considerar que a farda era uma espécie de ridícula vestimenta medieval, apenas porque a rapariga dos seus sonhos – essa, sim, precisava de dinheiro – trabalhava na bilheteira a cobrar o bilhete de entrada, e esta foi a melhor forma que lhe ocorreu para se aproximar dela sem levantar suspeitas.

A rapariga chamava-se Lisbeth e, naquele dia, o da rutura do tendão, estava a ver a regata de cima da ponte, com um lenço azul-marinho atado ao pescoço. Quando o barco de Atticus perdeu velocidade, ela, desapontada, afastou-se do rio, abraçada a um aluno da universidade de Lincoln.

Nas seis semanas que se seguiram à sua operação ao joelho, o jovem Craftsman ficou a convalescer na casa de campo da família, no condado de

² O termo «Apolaustico» em castelhano foi decalcado do inglês «Apolaustic», que significa o culto do prazer e do belo. Não se encontrando o mesmo termo em português, optou-se por um decalque para o português sob a forma de neologismo. (NT)

Kent. Embora o seu pai teimasse em chamar «granja» àquela extensão de prados verdes, onde apenas se cultivava pastagem, a propriedade era, claramente, uma quinta de recreio, com a sua mansão vitoriana, os estábulos, os jardins e o lago com os patos.

Contava com uma biblioteca toda em mogno, que conservava mais de oito mil volumes encadernados em couro, alguns dos quais eram autênticos tesouros. Aquele era o lugar preferido de Atticus para passar os dias solitários da sua clausura, a olhar a chuva pelas janelas, com Lisbeth no pensamento, a alimentar a chama e a bisbilhotar por entre aqueles livros, que, até então, não lhe tinham parecido nada mais do que objetos de adorno. Descobriu filosofias antigas, mentalidades vanguardistas, gravuras valiosíssimas a preto e branco de lugares já inexistentes, perversões assombrosas, vidas de santos, Byron, Keats e Beckett, todos à mistura na sua biblioteca e na sua cabeça, numa amálgama de mel e limão.

Aos fins de semana, a casa enchia-se de vida. Os pais regressavam de Londres, apareciam os seus amigos, Holden trazia o pequeno Oliver pendurado às costas numa mochila porta-bebês e a biblioteca transformava-se num salão onde se tomava chá e se falava alto.

Ao domingo à tarde, Atticus sentia uma ansiedade crescente, uma coisa esquisita, a antecipar o momento em que todos entrariam nos carros e desapareceriam pela alameda de castanheiros, e ele finalmente recuperaria o controlo do seu exército de contos e de poemas.

O joelho sarou ao mesmo tempo que a sua cabeça se dilatava, qual esponja, e o seu espírito se apoderava daqueles sentimentos alheios para os converter em seus.

Quando voltou a Oxford, era outro homem. Mais corajoso. Foi buscar Lisbeth ao museu, tirou-a da bilheteira e levou-a pelas ruas empedradas do centro até à pequena igreja, constantemente vazia, do seu *college*. Uma vez lá, fechou a porta por dentro, abriu a tampa do piano, tocou a música *Bridge Over Troubled Waters*, como lembrança do fatídico dia da regata, tocou *Raindrops Keep Falling On My Head*, tocou na sua mão macia, tocou no seu cabelo e na sua face. Perguntou-lhe: «Queres ver o meu quarto?»

Dormiram abraçados na cama estreita. As visitas femininas estavam proibidas em Exeter College, mas o Sr. Shortsight, o vigilante, tinha as

costas largas e a vista grossa, sabia fingir um sono muito profundo no cadeirão da guarita e, além do mais, desfrutava à escuta dos suspiros noturnos das amantes proibidas. A única norma verdadeiramente obrigatória, e essa conheciam-na todos os alunos sem exceção, era desalojar o quarto de visitas clandestinas antes do amanhecer, porque o contínuo do turno do dia chegava às sete em ponto com os óculos de ver ao longe e a lista de infrações.

Lisbeth tinha o sono leve. Acordou antes de Atticus. Estava à espera de que ele abrisse os olhos, recostada na almofada, quando se viu diante de um homem de cerca de 80 anos e com cara de sábio, que fumava cachimbo e que se fazia acompanhar por um Hobbit pequenino. Deu-lhe os bons-dias, atravessou o quarto de um lado ao outro, abotoou o colete e esfumou-se.

– Acho que vi o fantasma do Tolkien – sussurrou ao ouvido de Atticus. Mas ele calou-lhe a boca com beijos.

De qualquer maneira, deveria ser verdade que por aquelas divisões passeassem os fantasmas dos diferentes velhos professores. Havia correntes de ar inexplicáveis, sussurros na noite, pianos que tocavam sozinhos, passos e risos abafados e, em certas manhãs, o relvado do pátio central amanhecia coberto de pegadas.

A cerimónia de entrega de diplomas foi solene e protocolar, os alunos embrulhados em capas e faixas, os turistas convencidos de que tinham viajado para trás no tempo e os sinos a repicarem alegres e tresloucados.

A despedida foi dilacerante. Com o fim do curso terminavam muitas amizades, muitos projetos, muitos amores.

Lisbeth regressou à pequena ilha de Guernsey, perdida no Canal; Atticus percorreu o mundo de mochila às costas, conheceu a Europa, a Arábia, a Índia, Istambul. Depois instalou-se em Londres, próximo de Knightsbridge, num apartamento coberto de livros, a dois quartos da editora Craftsman & Co., onde começou a trabalhar sob as ordens de seu pai. Pouco a pouco, foi deixando para trás as recordações doces do primeiro amor e substituindo-as por outras de vários sabores: ácidos, picantes, saborosos e exóticos. Comprou um modelo clássico de um *Aston Martin*, igualzinho ao do James Bond para regressar regularmente, todos

os domingos, à biblioteca da sua casa, onde o esperavam ansiosos os seus milhares de livros ordenados alfabeticamente e a sua lareira acesa. Não precisava de mais nada.

Até que um dia, Marlow Craftsman o chamou ao seu gabinete.